

Interações no Ciberespaço: Traços de um Imaginário¹

Sandra H. Rodrigues²
Fundação Joaquim Nabuco

RESUMO

Partindo-se do pressuposto de que, efetivamente na Internet encontram-se variados tipos de diálogos nas salas de bate-papo e de que estes, derivam de um discurso essencialmente amoroso, investigar o sujeito, enquanto sujeito amoroso e sua relação com seu “eu” é de fato relevante, visto que as relações têm se modificado, delineando um discurso ambientado no novo.

Neste sentido e fundamentado na proposta do teórico Roland Barthes, quanto ao fato de que o discurso amoroso é hoje de extrema solidão, esta análise vem investigar o discurso amoroso encontrado nos ambientes das salas de bate papo.

Palavras-chave: Internet; Cibercultura; discurso; salas de bate papo.

ABSTRACT

If ones assume the premise that there are various types of chat rooms in the internet and that these chat rooms are rooted in essentially love-based discourses, investigating the subject, as a love-based subject and its relation with its own self is indeed relevant, since relationships change, delineating a discourse founded on novelty.

Thus, based on the theories of Roland Barthes, according to which love-based discourse is today one marked by extreme loneliness, the present analysis seeks to investigate the love-based discourse found in chat rooms.

Words-key: Internet; Ciberculture; discourse; chat rooms.

¹ Trabalho apresentado ao Seminário de Temas Livres em Comunicação, do XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Designer formada pela Universidade Federal de Pernambuco, Mestra em Gestão Pública na área de C&T, Especialista em Gestão de Tecnologia da Informação, Coordenadora do Núcleo de Educação a Distância da Fundação Joaquim Nabuco, onde desenvolve pesquisa na área de ensino a distância via web, cibercultura e uso de novas plataformas. Docente dos cursos de Comunicação Social da Escola Superior de Marketing – ESM e da Faculdade Pernambucana – FAPE onde leciona disciplinas de Tecnologias em Comunicação e Publicidade on-line. Contato: sandra.rodrigues@fundaj.gov.br

INTRODUÇÃO

Falar sobre discursos amorosos nos dias atuais pode parecer algo sem propósito, uma vez que isso nos remete a romantismo e aparentemente não está na moda. Não que isto não continue comumente acontecendo, mas porque quase não se encontra mais poetas que se debrucem a acalantar sua parceira com palavras que lhe tragam romantismo. Mas será que isso realmente modificou com toda essa evolução que o homem se permitiu?

O ambiente mudou. O discurso aparentemente mudou. Mas será que o sujeito dito “amoroso” continua o mesmo?

Nos seus escritos sobre discurso amoroso, o teórico Barthes (2003) nos revela que o discurso amoroso é hoje de extrema solidão, formando-se através do imaginário, da reserva de imagens (signos), prazeres e injunções do inconsciente.

Neste sentido o autor vem denominar “cacos” de discurso de figuras, não entendido como retórico mas, como esquemas, onde a figura do sujeito configura-se com o amante em ação.

Afirma ainda que, a figura é delineada como um signo e fundamentada em um discurso já usualmente lido, ouvido ou experimentado. Reconhece-se o sujeito amoroso quando se reconhece a cena de linguagem, como exemplifica: “Reconheço esta cena de linguagem”. Neste sentido acrescenta que, para se construir a figura do sujeito amoroso basta apenas o sentimento amoroso.

A Internet aqui serve de cenário para o estudo deste sujeito e seu discurso, pelo fato de ser o veículo, um modo novo de modelo de comunicação que impressiona pela sua velocidade e agilidade em respostas de forma interativa ao simples clicar de um mouse ou comandos.

Primeiramente a escolha desse tema deu-se pela curiosidade de conhecer a riqueza e natureza de quem está vivenciando estes ambientes e, posteriormente pela motivação de entender sobre este sujeito amoroso que navega pelo ciberespaço. Como efetivamente desenvolve-se dentro deste ciber mundo? É um discurso de fato concreto? Existe verdade neste sujeito enquanto amante?

Sabe-se que na Internet a linguagem usada é constituída fundamentalmente de sentidos, em especial o tato e a visão – o primeiro através do teclado e o segundo, de forma

ilusória, através da mente humana que navega através das inferências mentais, estas visualizadas em fotos e *webcams*.

Este diálogo que se passa no ciber mundo das salas abertas de batepapo e que sugerem um caráter síncrono, na realidade são feitas de conversas multiparticipativas, como bem denominou o professor Marchuschi (2004), que iniciam-se basicamente através da seleção da sala que se quer freqüentar e pela escolha de um apelido, que não o identifique, comumente denominado de *nick*, possibilitando assim um ocultamento da identificação real deste sujeito, criando-se uma identidade mascarada. Neste sentido, afirma Marchuschi (2004): “Essas verdadeiras “máscaras” podem variar com enorme rapidez e o mesmo indivíduo pode entrar, em curto lapso de tempo, com nomes diversos e até personalidades diversas, o que dá uma volatilidade às identidades sociais.”

Após entrar na sala, o sujeito aqui descrito como sujeito amoroso, cumprimenta a todos se assim desejar ou já passa a enviar convites reservados com a genérica locução: “afim de te?” , “afim de um papo?” ou simplesmente um “oi”.

É a partir de então que se dá ou não uma relação entre as partes envolvidas, muitas e continuamente voltada para a linguagem amorosa.

A análise aqui descrita envolveu duas salas de batepapo (*chats*), especificamente a BOL e as salas Coroas_br, a segunda, um dos canais do programa MIRC. Esses ambientes utilizam programas da Internet denominados *Internet Relay Chat (IRC)*.

A sala do BOL tem a característica de ser ampla e variada, perpassando por ela uma variedade de pessoas. Um universo amplo de tipos bem característicos e diferenciados. Um universo intenso para que o sujeito amoroso se faça presente. Especificamente delimitou-se a pesquisa às salas referentes a idade de 40 a 50 anos, supostamente onde o sujeito amoroso pode ser identificado, uma vez que é uma faixa etária mais amadurecida e vividamente ideal para a investida concreta da linguagem amorosa.

Observou-se que efetivamente os personagens que imperam na sala do BOL são de fato preementes da faixa etária proposta pela sala, o que não ocorre tão freqüentemente na Coroas_br, que mescla com jovens na faixa etária de 18 a 37 anos, estes em busca de mulheres maduras.

As salas de cunho mais reservados como o Coroas_br, possibilitam uma seleção mais apurada de sujeitos amorosos, com perfis mais diferenciados, visto que a sala exige maior conhecimento de informática para acesso, mas também rica em sujeitos amorosos, enquanto amante no ciberespaço.

Para se fazer entender sobre esse sujeito imersivo que hoje circula pelo ciber mundo, buscou-se nos escritos da professora Santaella (2004) uma visão de como essa

mudança se processou neste indivíduo, que a autora caracterizou em três tipos: o contemplativo, o movente e o imersivo. A mesma caracteriza-os através da sua leitura enquanto leitor, definindo o contemplativo como aquele que tem diante de si objetos e signos duráveis, como o livro na estante, as pinturas, as partituras, este vivenciado em um cenário onde o tempo permitia essa inserção no seu próprio tempo-espaço. Todos os signos eram duráveis e imutáveis. Neste sentido, o sujeito amoroso sempre existiu nas mais diversas formas.

O sujeito movente, segundo a autora, nasce em um novo cenário e em um novo ambiente:

“A roupa, o livro, o médico, o advogado e o poeta, tudo foi se transformando em mercadoria e com ela nascia um novo tipo de percepção do mundo, cada vez mais voltada para a proximidade, para o imediato, para a segurança contra os riscos da cidade grande”. O ser humano passou a se preocupar muito mais com a vivência do que com a memória”. (SANTAELLA, 2004)

Referindo-se sobre essa nova percepção do ser humano, Carvalho apud Santaella (1997) vem a afirmar que o mesmo passou a adaptar-se a um tipo de fetiche baseado na imagem, como descreve a seguir:

“O espectador moderno é um ser submetido ao frênio urbano e à superexposição perceptiva da velocidade com que imagens, cenas, personagens atravessam a retina do mesmo modo que as coisas, fatos e pessoas da cidade se transformam e atravessam a consciência para logo desaparecerem na correnteza caótica de homens e coisas”. (CARVALHO APUD SANTAELLA, 1997:135)

Santaella (2004) classifica ainda, como sujeito movente o leitor de fragmentos, leitor este que não se fixa mais na leitura contínua, buscando apenas uma leitura fugaz.

Salienta a autora:

“Esbarrando a todo instante em signos, signos que vêm ao seu encontro, fora e dentro de casa, esse leitor aprende a transitar entre linguagens, passando dos objetos aos signos, da imagem ao verbo, do som para a imagem com familiaridade imperceptível. Isso se acentua com o advento da televisão: imagens, ruídos, sons, falas, movimentos e ritmos na tela se confundem e se mesclam com situações vividas. Onde termina o real e

onde começam os signos se nubla e mistura como se misturam os próprios signos.” (SANTAELLA, 2004: 31)

O sujeito imersivo ou virtual, foco deste estudo, é tratado pela autora como o mais espetacular. Afirma a autora que: “... trata-se de um leitor implodido cuja subjetividade se mescla na hipersubjetividade de infinitos textos num grande caleidoscópio tridimensional onde cada nó e nexos pode conter uma outra grande rede numa outra dimensão” (SANTAELLA, 2004:33).

É uma nova linguagem hipermídica, onde milhões de usuários fazem saltos e atravessam infovias fluídicas. É neste contexto que a autora classifica o internauta em três tipos de usuários, a saber: o novato, o leigo e o experto.

Apesar da classificação, a mesma salienta que, tanto o novato como o leigo tem a possibilidade de mudarem de classificação, uma vez que a agilidade da Internet, possibilita rapidez nos conhecimentos.

É neste sentido que a pesquisadora teve conhecimento de que de fato isso acontece, uma vez que a mesma ao iniciar as visitas às salas virtuais não tinha grande habilidade, tornando-se habitual seu uso uma vez que passou a usar de forma contínua. Em poucos tempos já entendia a linguagem utilizada, assim como as abreviações comumente usadas pelos sujeitos do processo.

Afirma Santaella (2004) que, quando se vence a intimidação perante a iminência do erro, o internauta errante, passa a ser um navegador lúdico, alimentado-se pelo prazer da descoberta, afirmando que: “sem começo, meio e fim claramente definidos, a navegação é uma aventura” .

É neste universo errante que ocorrem as comunicações interativas.

Nas ondas do mar

Imaginando-se como um pescador, que lança seu anzol e aguarda que o peixe segure a isca, assim metaforicamente se processa as salas de batepapo.

Os sujeitos amorosos estão lá, buscando efetivamente laçar uma presa e assim através da linguagem amorosa, descrita por filmes, romances, cartas, envolver a amante a acreditar que o amor está finalmente imerso naquele ambiente virtual.

O diálogo vivo que se traça entre duas pessoas sempre foi considerado como a forma de comunicação mais perfeita. A conversa como se sabe tem o viés bidirecional ou seja, *eu falo você* me escuta e em seguida *você* responde. Neste contexto a interação é

essencialmente uma troca que vai se desenvolver a partir do contexto da fala, ou seja, as conversas vão fluir ou não a partir do interesse do assunto em questão.

Santaella (2004) vai mais longe ao afirmar que os aspectos semióticos também são importantes como elementos verbais da comunicação.

Ou seja, o que eu vejo, a postura, a paisagem, o ar de interesse, as pausas são de fatos aspectos que compõem um conjunto complexo de signos que sem os mesmos não haveria interação.

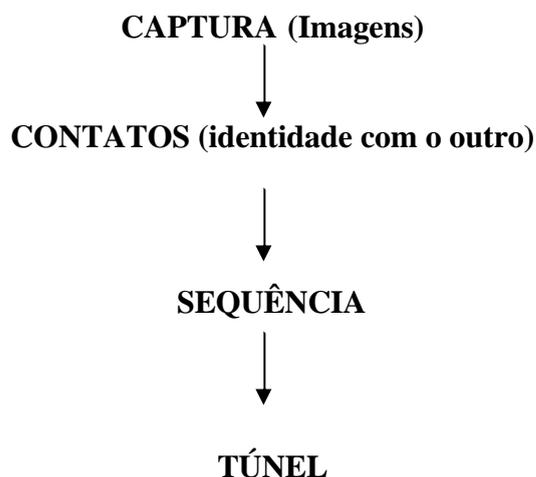
As novas tecnologias advindas com o uso da Internet proporcionam de fato essa interação motora-visual de forma interativa, visto que hoje há a possibilidade não apenas de falar mais ver a pessoa, através de câmeras, permitindo assim que se possa coexistir em espaços reais e virtuais experimentando caminhos jamais imaginados. Podemos conversar com pessoas do outro lado do planeta em tempo real.

A figura do sujeito amoroso

Roland Barthes é quem melhor define este sujeito amoroso, dando-lhe características bem delineadas como o fato de que o mesmo utiliza como discurso amoroso não a dialética mas sua cultura afetiva, ou seja, a reserva de informações que aprendeu durante toda sua vida.

Outra característica é o fato de que o sujeito amoroso percebe o outro como um todo, acreditando que a pessoa amada é perfeita, criando assim uma visão estética do ser amado louvando-o como perfeito.

Há segundo Barthes (2003) uma trajetória amorosa que o autor divide-a em três etapas: a **captura**, onde o sujeito amoroso é seduzido por uma imagem, imagem essa formada pelo seu imaginário como imagem perfeita. A **sequência** simbolizada pelo rastro de armadilhas de que se torna vítima. E finaliza com o **encontro** onde explora os contatos buscando embriagar-se no ser amado. Para tanto busca os encontros, os telefonemas, as cartas, etc. Neste ponto conclui-se o quadro da fantasia e o sujeito amoroso pode vislumbrar as descobertas, como afinidades, cumplicidades e intimidades. O outro passa a ser o “meu” outro. Afirma Barthes (2003), “... a cada instante do encontro, descubro no outro eu mesmo”. Neste sentido, classifica a trajetória amorosa da seguinte forma:



O túnel se configura em um aprofundamento da relação ou seu afunilamento enquanto relação de durabilidade. É neste momento que a relação pode ter continuidade ou não. Exemplificando esse imaginário onde o sujeito amoroso se faz presente, observe o diálogo traçado no ambiente virtual, quando um rapaz indaga a jovem o quanto ela é perfeita para ele:

ELA diz:
pq comigo seria diferente, fala?
ELE diz:
pq vc eu já vi pq vc e linda pq vc e sensual pq vc e simpática vc
me desperta fantasia
ELE diz:
pq vc é uma pessoa q passa uma sensualidade
ELA diz:
que bom q sou tudo isso
ELA diz:
fico feliz
ELE diz:
pena q vc não tem mas tempo pra im
ELE diz:
mim

(trecho de conversa no MSN, 2005. Fonte: A autora.)

Observe que o jovem, aqui descrito como ELE, faz uma imagem da figura feminina como se a mesma fosse tudo aquilo que ele imagina, salientando que “vc me desperta fantasia” [sic].

E aí começa a aventura...

Não há como negar, este ambiente é mágico e singular, propício para o desenvolvimento de relações amorosa e que continuamente vem sendo alvo de matérias em

jornais e revista, como a publicada pela Revista Veja no mês de janeiro de 2006 intitulada “Trair e teclar, é só começar”.

Com sugestivo título a matéria aborda a questão do ciúme e os problemas ocasionados pela infidelidade tanto masculina quanto feminina, apontando a questão da intimidade emocional que o ciber mundo das salas de bate papo proporcionam: “... o sentimento de cumplicidade, a deliciosa excitação de esperar pelo chamado do outro, as confidências sobre segredos e fantasias, o prazer de ir para cama pensando que amanhã tem mais”. Afirmado ainda ser crescente o número de pessoas que se envolvem emocionalmente, a matéria faz um neologismo com a *e-infidelidade*, descrevendo que: “...começa com a troca de mensagens eletrônicas, o envolvimento vai crescendo, estabelece-se um vínculo íntimo”.

Concluindo, a matéria afirma que, a Internet pode ter um potencial tão devastador que chega a afetar casamentos sólidos. Mesmo de forma subjetiva, o envolvimento do sujeito amoroso pode chegar a passar do limite do irreal configurando-se de fato numa relação real, firmando assim uma nova relação amorosa. Afirmo a revista que, segundo estudos recentes, 60% dos casos de envolvimento pela Internet terminam de fato com um envolvimento mais aprofundado, não focando apenas na virtualidade.

É veemente a quantidade de homens casados que teclam a noite na sala de suas casas pelo prazer de exercitar a sedução e conquista. Essa paquera como comprovado ocorre na sala da casa do próprio casal, tornando-se assim um quase adultério.

A jornalista do jornal O Globo, Martha Medeiros, em artigo intitulado “O casamento do Futuro” aborda a necessidade de se refletir sobre o casamento, salientando que a traição virtual se prevalece da facilidade do uso da Internet, afirmando ser natural seu uso no favorecimento do adultério, onde salienta:

“ Não há quem sendo um sedentário emocional, não sonhe em recuperar o desejo e exercitar a sedução. A sensação de estar ‘condenado’ a uma prisão perpétua ainda que uma confortável prisão domiciliar – estimula planos de fuga. É natural. Mais natural que a fidelidade, se formos 100% honestos”. (MEDEIROS, 2006)

Essa conjugabilidade é descrita por Barthes (2004) como uma forma de entrar na estrutura do outro. Este sujeito passa a contemplar o outro com fascinação, procurando assim estabelecer uma relação profunda com este. Não mas o seu cotidiano interessa, mas o do outro, onde pode estabelecer um novo sentimento, este, dedicado à uma nova intimidade.

Afirma ainda o autor que há uma lógica singular:

“...o sujeito amoroso percebe o outro como um todo: louva-o por ser perfeito, vangloria-se por tê-lo escolhido perfeito, imagina que o outro quer ser amado como ele próprio gostaria de ser, não por tal ou qual de suas qualidades, mas pelo todo, e esse todo, concede-o a ele...”
(BARTHES, 2004).

Esse sentimento ou vontade humana está relacionada ao desejo. Essa manifestação que habita no ser, como essência bruta e insaciável como descreve Dumoulié (2005): “Todo desejo nasce de uma carência”. Segundo a autora, a origem do desejo está associada a um sofrimento, um tédio, um aborrecimento. Afirma ainda que, os indivíduos se acham ao serviço desta vontade cega enquanto acreditam estar realizando o próprio desejo. (DUMOULIÉ, 2005). E acrescenta:

Como cada espécie animal é uma expressão dessa vontade, cada uma pretende afirmar-se contra as outras em uma luta ainda mais absurda quando se vê que consiste em uma divisão de vontade contra si mesmo. Eis por que, na espécie que acabou por dominar todas as outras e na qual, pelo fato da consciência, a dor de viver é mais intensa, a vontade aspira a negar-se. A meta da sabedoria é compreender que a coisa desejada é a eutanásia da vontade e portanto, o fim do desejo.
(DUMOULIÉ, 2005, p. 101)

Sobre essas novas relações advindas desses novos meios de comunicação o teórico Hall (2001) caracteriza como uma mudança na modernidade impactada de forma concreta na identidade cultural. Há de fato uma descontinuidade, segundo a qual a sociedade moderna atravessa. Nesse sentido afirma o autor:

“ A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de intezza que é preenchida a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros”. (HALL, 2001)

Os homens casados vinham com o discurso de que, o casamento já não correspondiam aos anseios do mesmo e necessitavam desabafar e/ou encontrar a pessoa com que pudessem dispor de momentos de descontração. Aliviar as tensões e encontrar a mulher ideal, que os levariam a saírem do processo em que se encontravam. Havia uma certa inquietação e uma solidão voraz. Observe o diálogo a seguir:

ELA diz:
se sente soh?
ELE diz:
PQ ESTOU. TE CONTEI DE MINHA SITUAÇÃO.
ELA diz:
contou
ELE diz:
E NÃO GOSTO MUITO DE AVENTURAS.
ELA diz:
sei nao vale a pena.
ELE diz:
PODERIA SAIR POR AI VIVENDO ELAS, MAIS NÃO SOU ASSIM.
ELA diz:
eh. as aventuras podem ser perigosas.
ELA diz:
vc tem filhos... iam sofrer
ELE diz:
SIM
ELA diz:
nao vale a pena.
ELE diz:
CLARO QUE NÃO
ELA diz:
todo mundo sofre: quem se envolve com vc, seus filhos, sua mulher
ELE diz:
A MULHER NÃO MUITO, DEVIDO A SITUAÇÃO NOSSA.
ELA diz:
MAIS OS FILHOS SIM
ELA diz:
e tb vc mora em uma cidade pequena
ELA diz:
soh vale sair dessa situacao se tiver certeza do que quer...e coragem
ELE diz:
SIM
ELA diz:
lembre-se q nao estah soh.
ELA diz:
estou com vc
ELE diz:
OBRIGADO
ELE diz:
TE QUERO MUITO MEU AMOR

Outro diálogo. Observe a fala do sujeito amoroso:

ELA diz:

vc me fala de seu casamento
ELE diz:
ok, está falido, dormimos separados, nao nos falamos, temos uma filha morando aqui, outra em e uma neta que criamos, e isso tudo ainda nos deixa juntos.
ELE diz:
bens , etc...
ELA diz:
sei
ELE diz:

nao sei ate quando
ELA diz:
poxa.
ELE diz:
ja quis me separar, ir embora, mas as filhas nao deixaram, agora esta em crise
de novo

Uma característica contundente entre a maioria dos perfis trabalhados é o fato de que 70% deles possuem *webcam*. Isso demonstra claramente como a imagem tem um poder de atração para os mesmos. Um fato curioso observado foi o de que a maioria desses personagens masculinos desejavam se mostrar na *webcam*. Todos se exibiam como se isso possibilita-se que o desejo feminino aflorasse.

Neste sentido vale a pena discorrer sobre o que Aumont (2001) descreve como gozo da imagem ou seja, a pulsão escópica proporciona um prazer particular. A imagem como tração do real suscita fenômenos de crenças. A imagem satisfaz a pulsão ou instinto (escópica) já que permite ver uma realidade posta em cena.

O termo “pulsão” é necessário para qualificar o tipo de impulso que move o desejo do homem e não se reduz simplesmente a um instinto animal. Este designa um comportamento hereditário, característico de uma espécie e determinado quanto a seu fim. Em contrapartida, a pulsão não possui finalidade precisa nem objeto próprio, e é sempre parcial. Ela está com efeito, ligada às zonas erógenas que são os diversos buracos e orifícios do corpo, que importa encher para pôr fim à tensão. (DUMOULIÉ, 2005)

Enfatiza Freud apud Aumont (2001) que, é o primeiro elemento da pulsão o seu objetivo (ver), que é a satisfação da pulsão, seguido pelo objeto, que é o meio pelo qual a pulsão pode atingir o objetivo e pela fonte (sistema visual) que é o ponto de fixação da pulsão no corpo, configurando-se assim no signo da genitalidade.

Afirma Freud apud Aumont (2001) que, como em toda ocasião que engaja o psiquismo humano, elas podem intervir em nossa relação com as imagens, mesmo que essa intervenção permaneça problemática e mal conhecida.

Isso se percebe ao observar que a maioria desses homens que trafegam pelo universo das salas de bate-papo têm em comum essa pulsão escópica, implicando a necessidade de ver e o desejo de olhar. A *webcam* provoca o desejo, assim como em uma tela de cinema, de conjugar a imagem visual com a narração, articulando desejos e pulsações. Afirma Aumont (2001) que, se olhar é um desejo do espectador, este entra em um jogo dos quais o espectador pode ser apanhado imaginariamente; enfim, os olhares dirigidos da tela para a sala (sempre imaginariamente.)

Analisar esses sujeitos amorosos enquanto amantes do cibernundo tornou-se por um trabalho não muito fácil, uma vez que, essas pessoas existem de fato e possuem sentimentos, muitos destes confusos e comumente de uma grande solidão. O questionamento levantado nesta pesquisa era ao fato de que existia ou não um discurso verdadeiro, chegando-se a seguinte conclusão: o amante amoroso existe enquanto vivencia uma fantasia, se utiliza das fases de captura /conquista, reconhecimento e túnel citadas pelo teórico Roland Barthes. O túnel, está saída que leva a vida real até então, não possibilita contar grandes histórias de amor, como um dos entrevistados comentou: “ já tive experiências com pessoas daqui.. não nasci ontem né? e são pessoas que a gente tem que ter muito cuidado.. muito mesmo.. daí achei que não era um ambiente propicio para ir além num relacionamento. ou qq coisa desse tipo..” [sic]

A maioria dos entrevistados neste estudo têm o mesmo discurso do entrevistado acima, ou seja, as salas são divertidas para conhecerem mulheres contudo, enquanto sujeitos amorosos só querem vivenciar a relação enquanto existir a fantasia. A realidade passa a ser vista de forma diferente. Fica evidente que alguns têm medo de se envolverem por acharem que podem vir a serem traídos posteriormente. Alguns se acostumaram a viver apenas como sujeitos amorosos, habitando por anos neste ambiente, como alguns entrevistados que já estão inseridos no cibernundo há sete, oito ou dez anos. Existe o encontro real. Muitos dos entrevistados falam de suas conquistas. Porém, não se encontrou entre eles nenhum que tenha efetivamente trocado o virtual pelo real.

Considerações Finais

Conclui-se com esta pesquisa que, embora as salas de bate-papo sejam espaços que aproximam as pessoas, fazem com que se apaixonem por pessoas que nem conhecem, ainda é um espaço onde a solidão impera. São horas e horas de bate-papo talvez em vão (SAMPAIO, 2001). Quem melhor descreve o que acontece nas salas virtuais é o antropólogo Mauro Cherobim, salientando que é uma fantasia chamada esquizofrenia por uns, alienamento por outros, mas que tem como característica a normalidade consentida (CHEROBIM apud SAMPAIO, 2001) ou seja, a vida real que é cheia de condutas sociais tem sua inversão no ambiente web, afirmando que, os encontros virtuais não tem controle social e acrescenta: “da mesma forma que os encontros são rápidos, os desencontros também se revelam ligeiros”.

Ou seja o que encontra-se na Internet são diálogos que derivam de um discurso essencialmente amoroso como salienta o teórico Roland Barthes, porém revestido de uma fantasia. O discurso amoroso existe unicamente por ondas de linguagem, que lhe servem ao sabor das circunstâncias ínfimas de forma aleatórias. A falta de limite de comportamento se eleva ao nível de fantasia. Mesmo com a inversão de valores supõe-se que o imaginário das pessoas continua o mesmo, ou seja, não houve mudanças nos papéis masculinos e femininos, ou seja, a fantasia vivenciada na rede foge do padrão normal de conduta implicando assim em poucas relações verdadeiras. O homem continua com o complexo de virilidade e o complexo da virgindade, como afirma Emílio Willens (WILLENS apud SAMPAIO, 2001).

Neste sentido, os diálogos dos IRCs costumam ter, como afirmam as autoras Haje e Attuch (1999) a missão precípua de produzir contatos e nada mais. Passam a ser um duelo de gritos ortográficos, existindo apenas para o combate da solidão, pouco importando o sentido e a validade dos argumentos. Acrescentam que “faz questão de testar o canal, de saber se o outro ainda está ali disponível para assistir às *performances* individuais”. E concluem que, o ambiente é propício à criatividade, à inovação, mas mostra-se apenas como um novo meio para antigos comportamentos. A autocensura acaba produzindo barreiras e interdições, independentes da inexistência de um poder inibitório externo.

Cabe agora esperar que o sujeito amoroso descubra que a Internet é muito mais um meio de comunicação e sim um espaço para novas relações amorosas e de fato verdadeiras.

Referências Bibliográficas

AUMONT, Jacques. **A imagem** Papyrus: Campinas, São Paulo, 1993.

BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso**. Ed. Martins Fontes: São Paulo, 2003.

DUMOULIÉ, Camille. **O desejo**. Ed. Vozes: Rio de Janeiro, 2005.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na Pós-modernidade**. DP&A Editora: Rio de Janeiro, 2001.

HAJE, Lara e ATTUCH, Maíra. O discurso da sexualidade nos chats. In: PORTO, Sérgio Dayrell.(Org.) **Sexo, afeto e era tecnológica. Um estudo de chats na Internet**. Editora UnB: Brasília, 1999.

PEASE, Bárbara & Allan. **Desvendando os segredos da Linguagem Corporal**. Ed. Sextante: Rio de Janeiro, 2005.

_____. **Porque os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor? Uma visão científica (e bem-humorada) de nossas diferenças**. Ed. Sextante: Rio de Janeiro, 2005.

PINHEIRO, Daniela. **Trair e teclar, é só começar**. Revista Veja, p-77-85, janeiro, 2006.

PORTO, Sérgio Dayrell.(Org.) **Sexo, afeto e era tecnológica. Um estudo de chats na Internet**. Editora UnB: Brasília, 1999.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. XAVIER, Antônio Carlos (orgs.) **Hipertextos e Gêneros Digitais**. Editora Lucerna: Rio de Janeiro, 2004.

MEDEIROS, Martha. O casamento do futuro. [online]. Revista o Globo, 2006. Disponível em <http://oglobo.globo.com/jornal/colunas/martha.asp> (29/01/2006).

SAMPAIO, Alice. **Amor na Internet. Quando o virtual cai na real**. Editora Record: Rio de Janeiro, 2002.

SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano. Da cultura das mídias à cibercultura**. Ed. Paulus: São Paulo, 2003.

_____. **Navegar no ciberespaço. O perfil cognitivo do leitor imersivo**. Ed. Paulus: São Paulo, 2004.

SOUZA, Mauro Wilton de. (Org.) **Sujeito, o lado oculto do receptor**. Ed. Brasiliense: São Paulo, 2002.